

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GRADUAÇÃO



ORGANIZADORES

José Rodrigues de Farias Filho

Patricia Almeida Ashley

Mônica Marella Corrêa



33

Para uma Educação Sustentável: Ecopoesia em Transdisciplinaridade – A Região Sul-Fluminense¹

*Gisele Giandoni Wolkoff*²

Instituto de Ciências Humanas de Volta Redonda, Volta Redonda
(Universidade Federal Fluminense)

*Rafael Teles da Silva*³

Instituto de Ciências Exatas, Volta Redonda
(Universidade Federal Fluminense)

*Munique Eva Paiva de Araújo*⁴

Instituto de Ciências Exatas, Volta Redonda
(Universidade Federal Fluminense)

1 Artigo conceitual

2 Professora no Departamento Multidisciplinar da UFF-VR, ensina Leitura e Produção de Texto, e Didática para os cursos de Química e Administração Pública. Organizadora e tradutora de volumes sobre Poesia contemporânea, coordena o projeto Cultura e Artes no sul-fluminense: memória e história, com a chancel da FAPERJ.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4530644741441254>

Email: gwalkoff@id.UFF.br

3 Aluno de graduação em Licenciatura em Química na UFF-VR, e participante do projeto Cultura e Artes no sul-fluminense: memória e história.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8675611977710805>

Email: telesbp@gmail.com

4 Aluna de graduação de Física na UFF-VR e participante do projeto Cultura e Artes no sul-fluminense: memória e história.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7028656411111399>

Email: muniqueeva@id.UFF.br

Resumo

A partir de uma reflexão sobre o papel docente, conforme lido em Paulo Freire, Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha e Boaventura de Sousa Santos, e também sobre a compreensão atual de Educação, sobretudo quando falamos em Ecologia, Saberes, Educação Sustentável e a incorporação da consciência de uma “educação ambiental”, das “ciências da terra” (P.Freire; M.Gadotti), da “condição planetária” (E.Morin) este trabalho visa ponderar a apropriação crítica da Poesia, com particular ênfase no contexto de formação docente de graduandos/licenciandos em Ciências Exatas, sinalizando uma proposta de leitura poética do mundo, de maneira integrada, transdisciplinarmente. Para tanto, apropriarmo-nos do exame de ecopoesia em algumas das produções culturais contemporâneas da região sul-fluminense coletadas como parte do projeto Cultura e Artes no sul-fluminense: memória & história, verificando as suas implicações critic-sociais, bem como a aplicabilidade no ensino, a partir do desenvolvimento da referida pesquisa. Deste modo, pretende-se atentar a novas formas de ensino que enalteçam a globalidade do Ser e a Terra.

Palavras-chave: Sustentabilidade, Transdisciplinaridade, Sociedade Líquida, Educação e Poesia.

Introdução

O conceito de modernidade líquida foi construído sobre a ideia de modernidade sólida. Objetos, mercadorias, lazer e serviços compatíveis com uma modernidade *light* contribuíram para fazer hoje, mais do que ontem, com que *tudo que fosse sólido se desmanchasse no ar* – tanto em relação a objetos (ex.: mercadorias) quanto a pessoas (ex.: identidades). Marshall Berman procurou caracterizar o jeito moderno de ser:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (...) ela [a modernidade] nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. (Berman, 2007: 24).

Ainda que possa parecer que a modernidade líquida seja algo completamente novo, ela é uma continuidade ou avanço da modernidade. Mudam as cores, mas o sabor é o mesmo: a velocidade das mudanças, a construção e destruição constante, dentre outras características, explicam muito do que acontece hoje. A consequência inevitável deste cenário é a reificação dos sujeitos. Passamos a valorizar os resultados práticos visíveis, a competitividade da eficiência, desprezando valores humanos fundamentais, como a capacidade de resiliência, o sentido de apoio mútuo, comunidade e construção conjunta de um mundo melhor. A isso, os teóricos da Educação e da Ecologia têm vindo a se referir igualmente por sustentabilidade.

A liquidez do ensino tem como marca o “escoar” da informação (ainda que não necessariamente, do conhecimento), aloca-lo aqui e ali no *pen drive*, na *nuvem*, numa lousa eletrônica e impõe aos educadores uma necessidade de transformar tudo o que é informação em algo consistente, relevante, significativo ao aprendiz e, assim, faça da Educação um espaço do possível, da integração, da sustentabilidade (em vários níveis: social, ecológica, etc). Desta feita, um dos grandes desafios aos educadores hoje no mundo líquido é transformar o ainda nebuloso contexto líquido de que faz parte a Educação em algo relevante a todos os atores educacionais, dirimindo as possíveis confusões que possam pairar relativamente aos valores de cada um (sejam professores, alunos, pais, responsáveis, funcionários, mas todos, cidadãos). Retificar o valor de cada um de nós, neste mundo mesclado por existências reais e virtuais, transmutando ideias em redes é dever docente, mesmo que ainda estejamos igualmente a aprender como fazê-lo.

De fato, a adaptação aos tempos líquidos é um imperativo, não uma opção, pois a era da sociedade do clique é o tempo no qual vivemos. Mas, não nascemos “num clique”. O tempo da Educação difere do tempo do clique. E eis outro desafio ao cotidiano docente e ao ambiente escolar como um todo: o educar-se requer recolhimento, silêncio e o tempo do silêncio tem sido esquecido. Precisamos reaver este tempo contínuo, de calma, de tranquilidade. Segundo o poeta inglês, fundador do Romantismo, William Wordsworth, “a poesia é emoções recolhidas na tranquilidade”. Ora, se como temos vindo a ler na obra de Paulo Freire, a educação é Poesia, precisamos tratá-la com a emoção recolhida

na tranquilidade. Ler requer o espaço interior do silêncio, a sinestesia que cede lugar à visualidade auditiva, só possível no recolhimento. Isso nos parece uma contradição nos tempos líquidos, pois a era digital exige rapidez. Como lidarmos com isso?

Só encontramos sentido naquilo que ecoa como relevante para as nossas realidades. E isso se dá com o tempo, com o desenvolver da capacidade de abstração. A possibilidade de transformar algo em significativo, verdadeiramente assimilado, conhecimento que transforme realidades, requer tempo para além-do-clique. Nesta direção, a sala de aula passa a ser espaço de motivação para a busca do conhecimento e o professor, um mediador dos processos de (re)apropriação da informação em conteúdo relevante. O desafio está para além do papel do professor no ambiente das aulas, mas na mudança de paradigmas sociais, que atribuem este ou aquele papel historicamente ao professor, à escola, aos funcionários e à comunidade. Algo que igualmente acontece com o passar do tempo, o vagar de devir... – e não no instante digital...!

Alguns documentos oficiais mundiais, que surgem visivelmente a partir da Rio-1991, e que reuniu líderes mundiais e estabeleceu os primeiros passos à diretrizes para a mudança acerca do olhar sobre o mundo, os ecossistemas, a natureza e o homem, apontam à ecologia como a base para um novo pensamento. Na sua *Carta Encíclica Laudato Si Sobre O Cuidado Da Casa Comum* (2015), o Papa Francisco dedica um capítulo inteiro, particularmente o “Uma Ecologia Integral”, a mostrar como o pensamento acerca da sustentabilidade é a única via que poderá modificar os efeitos da ação humana no meio ambiente. E isso significa também o pensamento sobre a sustentabilidade humana. Igualmente, os educadores que têm feito a diferença social no Brasil e no mundo, tais como Moacir Gadotti, Antonio Padilha e outros, apontam à mesma direção. Isso nos leva a concluir que se queremos um mundo mais habitável em todos os níveis, a começar pelo que constrói mentes, a Educação, é de fundamental importância repensarmos a sala de aula, as aulas específicas, a partir de uma abordagem transdisciplinar e sustentável.

Reflitamos, pois, acerca de como a liquidez pode ser ferramenta no e do ensinar, na sua variável de fluidos e a partir dela propiciar ao aluno a solidez de um bom ensino, de um processo com excelência aproximando o aprendiz que entende a liquidez como comum, da

solidez da completude que é se apropriar de conhecimento. E, principalmente, de como a integralização dos saberes leva a construções de conhecimento que façam sentido aos aprendizes, tornando a Educação relevante e, ainda possível, na era líquida.

De se ressaltar que a Ecopoesia não é novidade da década de 1990 ou de hoje, mas surge com os poetas românticos ingleses, no fim do século XVIII, particularmente, com a publicação de *As Baladas Líricas*, poema escrito por William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge em 1798 e que inicia um período de enaltecimento da natureza, em contradição com o crescente e avassalador processo de industrialização. O fato é que nos anos 1990, a poesia voltada à natureza volta a merecer destaque, particularmente, por coincidir com a época de preocupação ecológica pelo mundo e passa a ser designada pela crítica como Ecopoesia.

Os trabalhos de extensão universitária e referentes à pesquisa do projeto Cultura e Artes não tiveram como único foco a ecopoesia, embora tenha vindo a ser um dos alvos na elaboração de materiais transdisciplinares a serem empregados em aulas de Química e Física pelos futuros professores, atualmente, alunos em formação.

Cultura e Artes no sul-fluminense, a geração de conhecimento e a sustentabilidade

Podemos dizer que crescentemente, com o passar dos anos os questionamentos sobre como gerar uma mudança significativa no meio ambiente para que as próximas gerações possam desfrutar de um melhor futuro levam a necessidade de uma educação ambiental. Somente através da educação é possível alcançar tais objetivos, pois é necessário não apenas gerar um conhecimento ambiental no indivíduo, mas também fazer com que este viva a sustentabilidade. Moacir Gadotti cita dois níveis em que se deve trabalhar para que seja possível uma educação sustentável, nomeadamente:

O nível legal: reformas educacionais (currículo, conteúdos); e o nível de compromisso das pessoas, engajando o seu endosso (para uma vida sustentável), por um processo virótico, biológico, intuitivo (não um processo mecânico ou racional),

possibilitado por diferentes motivações (compaixão, amor, medo, raiva etc.). (2008: 38)

Portanto, o comprometimento para uma vida sustentável tem que estar no âmago do indivíduo, ou seja, levar uma vida sustentável tem que ser algo natural. O filósofo Gilles Lipovetsky afirma que:

O saber oferece autonomia aos indivíduos. A cultura geral é indispensável para elevar a capacidade crítica dos jovens e libertar seus espíritos, de maneira que tenham ferramentas para colocar as informações em perspectiva e entender o presente. Não é só a economia e o meio ambiente que precisam de desenvolvimento sustentável. É preciso pensar também na sustentabilidade do indivíduo. É imperativo lutar contra o desequilíbrio existencial resultante do consumo e da cultura do divertimento ininterrupto. Estamos em uma transição cultural para o desenvolvimento de uma ecologia do espírito. (in *Educação 360º*).

É necessário traçar planos educacionais concretos para alcançar tais objetivos. Moacir Gadotti diz que há diferentes formas de introduzir estes conceitos, uma vez que eles dependem do contexto, ou ainda, da realidade vivida por aqueles indivíduos como regionalidade, cultura e etc. Portanto, apesar dos problemas serem globais, as soluções são locais e regionais. Ele ainda diz que é preciso "*Educar para entender que a casa é uma só. Educar para transformar em nível local e global.*" (Gadotti, 2008: 74).

A educação não deve ser tratada como setorial e sim num nível, inter e transdisciplinar e intersetorial. A arte, que é deixada como um fator secundário em nossa vida tem um papel fundamental quando pensamos na transdisciplinaridade. Como afirma Gilles Lipovetsky: A arte é aquilo que pode restituir sentido para as nossas ações, além de ser uma ferramenta para reduzir a violência, ao permitir a expressão da identidade e o reconhecimento social.

Assim, utilizando da arte local é possível, como citado acima, construir soluções aos problemas globais, partindo das realidades locais

e regionais. O projeto *Cultura e artes do sul fluminense: memória & história* acompanha escritores que traduzem as suas vivências, origens e localidades em suas escritas. Assim, ele tem sido capaz de gerar uma reflexão do leitor quanto aos problemas, as possíveis soluções propostas e se elas realmente são cabíveis. Aplicar estes conhecimentos de reflexão acerca do humano no ensino de disciplinas como Química e Física mostra-se-nos como um grande desafio, pois aparentemente são áreas distintas do conhecimento. Porém, é impossível hoje pensarmos num ensino global, integrado, sem a transdisciplinaridade, sobretudo, a partir da Literatura, que é uma forma de nos conhecermos, uma maneira de sabermos quem somos no Mundo.

Segundo Morin (2013:3), o nosso sistema educacional utiliza um método disciplinar. Ou seja, a educação é dividida em disciplinas e, apesar de existir uma conexão entre elas, essa conexão mostra-se, por vezes invisível e nos faz pensar que não há ligação entre elas. Porém, como salienta Edgar Morin, “é necessário dizer que não é a quantidade de informações, nem a sofisticação em Matemática que podem dar sozinhas um conhecimento pertinente, é mais a capacidade de colocar o conhecimento no contexto” (2013: 3).

Então, para uma mudança significativa do indivíduo, os educadores precisam disponibilizar ferramentas para que o próprio sujeito consiga interligar os conhecimentos de todas as áreas do saber. Morin ressalta a importância do conhecimento integralizado, ou seja, tanto das partes quanto do todo; para se conhecer este último, é preciso conhecer as partes e só conhecemos as partes, se temos ideia do todo. Isso em si justifica o conhecimento transdisciplinar e pormenorizado concomitantemente.

Outrossim, não há como o ser humano se desenvolver sem interligar os saberes, pois, cada área tem a sua importância. Por exemplo, a química nos propicia uma visão de mundo no aspecto científico da natureza e a poesia no aspecto social, tanto da interação com a sociedade quanto com o ambiente onde vivemos, como aponta Edgar Morin: “...a poesia nos ensina a qualidade poética da vida, essa qualidade que nós sentimos diante de fatos da realidade.” (2013: 7)

Portanto, é preciso compreender que o diálogo entre os diversos saberes é que nos guiará para o caminho de um ensino mais relevante

da sustentabilidade, já que é sabido, que só o conhecimento pode nos tirar da ignorância e do egoísmo que a cada dia cresce no ser humano como aponta Morin (2013: 8):

cada vez o individualismo aparece mais, estamos vivendo numa sociedade individualista, que favorece o sentido de responsabilidade individual, que desenvolve o egocentrismo, o egoísmo que, conseqüentemente, alimenta a auto-justificação e a rejeição ao próximo.

Também, conforme Freire (1980), ao se deparar com o cotidiano é possível uma observação do mundo, o homem imerso neste meio deve ser conscientizado. Por ser um ser racional, e único ser vivo capaz de modificar, aprimorar, realizar mudanças no mundo em que vive e também refazê-lo diante a qualquer catástrofe ambiental e social. Com isso há de se esperar uma compreensão diante do seu compromisso com a natureza e o seu habitat.

Há de se esperar um aumento da reflexão na questão de sustentabilidade no ensino, uma vez que a geração contemporânea passa por diversos problemas. Esses antigamente não eram preocupantes, mas com a descoberta da limitação dos recursos naturais existentes e do aumento exacerbado da degradação do meio ambiente, o assunto de sustentabilidade assume papel principal na formação social, ambiental e política dos alunos.

Entretanto, para realizar projetos que envolvam a sustentabilidade, educadores têm que se utilizar da multidisciplinaridade como parte de seus objetivos de ensino, pois é esta que agrega assuntos de diferentes áreas, integrando-nos na produção de conhecimentos que compõem aquilo que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos sinaliza como *ecologia dos saberes*

A utilização das produções culturais contemporâneas da região sul-fluminense que foram coletadas como parte do projeto *Cultura e Artes no sul-fluminense: memória & história* possui um papel multidisciplinar ao utilizar a Literatura como meio de exposição da Ciência em geral. O livro *Experimentos poéticos* de José Huguenin, e cujo lançamento foi parte integrante do *Cultura e Artes*, traz diversos poemas que unem

Física e Literatura. Além da explicação teórica, o autor também se utiliza de uma estética diferenciada que pode atrair ainda mais os alunos. Ao utilizar o experimentalismo lingüístico, o poeta dialoga não apenas com a Física, mas com a história da literatura brasileira, particularmente o concretismo, trazendo ao público a dimensão intertextual e transdisciplinar, que tem sido igualmente adotada nos trabalhos de extensão que envolvem o *Cultura e Artes*, tenham sido as sessões de Escrita Criativa nas escolas de ensino médio da região, tenham sido nas aulas de Didática aos alunos de Licenciatura em Química e que recebe também alunos de Física – como disciplina optativa. A intenção, neste último caso, é sinalizar aos jovens, futuros professores, a dimensão transdisciplinar e a relevância da literatura integrada aos outros conhecimentos. Aprende-se mais, quando o foco do aprendizado faz sentido no dia-a-dia, conforme nos ensinam muitos educadores brasileiros que vão de Paulo Freire a Moacir Gadotti.

Passamos a citar alguns exemplos de poemas que têm sido adaptados a aulas de Física e Química na prática de estágio dos alunos em formação. E o primeiro dos poemas empregados é “Universo”, o qual descreve o surgimento da vida, desde a explosão do Big Bang passando por transformações até ocorrer uma nova aniquilação. O formato desse poema induz uma interpretação do símbolo infinito presente na Matemática, até ocorrer novamente uma explosão e tornar ponto. Após essa repetição de explosão o poema estimula a continuação de uma nova vida. (Huguenin, 2015: 30).

Outro poema que foi levado às aulas de Física pelos alunos em formação as suas salas de aulas de estágio foi o poema “Gravidade”, que retrata perfeitamente a força que existe mas que não é possível enxergá-la. Do ponto de vista do cotidiano a atração gravitacional da Terra ocorre quando objetos caem ao chão quando são soltos. Essa passagem está exposta no primeiro e segundo parágrafo, nos quais o autor se utiliza de uma maçã para descrever essa queda. Essa atração é atribuída a força Peso que é calculada pela massa do objeto multiplicada pela gravidade local que é de aproximadamente 9.81 m/s^2 . Além disso, em uma escala maior, mostra que essa força gravitacional é a que mantém os planetas em órbita ao redor do Sol. E por fim, termina com a seguinte frase: “Difícil, mesmo, é suportar o peso das palavras.”, a mostrar que

essa força gravitacional mesmo sendo tão gigantesca, capaz de atingir toda a humanidade, em comparação com apenas uma palavra, torna-se insignificante e, possivelmente, menos dolorosa. (2015: 31).

Por fim, chegamos ao poema “Aço e alma”, um dos mais contundentes à realidade Volta-redondense, pelo que evoca da cidade do aço, do que este representa à comunidade local, ao desenvolvimento regional e nacional. “Aço e alma” conduzirá o leitor a produção do aço e a industrialização exacerbada que ganhou rumores maiores com a guerra. Essa corrida contra o tempo povoou lugares devido ao trabalho proporcionado pelas empresas. Os alunos em formação propuseram que os educadores se utilizem desse poema para confrontar os problemas que as indústrias acarretam como poluição do ar, da água e até mesmo sonora. Mostrar a seus alunos que esse processo é necessário para que o lugar se desenvolva, entretanto, acarreta em prejuízos que devem ser diminuídos para não agravarem a saúde dos moradores e trabalhadores locais. Propondo um debate sobre o assunto e uma possível sugestão da preservação do meio ambiente local, as aulas de Química em muito se beneficiaram e poderão ainda se beneficiar desta leitura transdisciplinar, a partir de um poema anti-ecológico, mas muito ecológico, ao evocar a importância do olhar sobre a natureza, e sobre o comportamento humano. (2015: 13).

No livro *O homem que fugiu para lua, numa carona pelo tempo*, publicado pelo autor Ivani Egalon, escritor Volta-redondense, que é uma das cidades amparadas pelo projeto, vê-se claramente a utilização do local e o país onde mora para ser o centro dos acontecimentos. O protagonista do livro mora em Volta Redonda e, como habitante desta realidade específica, remete-nos à necessidade de mudar o ambiente onde vive, de ser o escolhido para mudar quando ninguém o quer fazer. Utiliza também da cultura de um país para dizer o quanto ele tem a oferecer e que devemos todos fazer a nossa parte, como diz Ivani Egalon no seguinte excerto: “A escolha do Brasil como palco para a trama, era pela sua disponibilidade de terras além de ser um país hospitaleiro”. (Egalon, 2012: 153).

Portanto, apesar de ser uma ficção dramática, o livro nos traz muitos conceitos científicos como a exploração da lua e de outros planetas dentre outros, o que pode ser utilizado como parte da conscientização

do lugar do ser humano no mundo, no ambiente da sala de aula de Ciências. Educar para uma ecologia da sustentabilidade significa alertar ao papel do ser humano no mundo maior, conforme apontam Gadotti (2011), Morin (2013), dentre outros.

Caminhos pela Poesia

A experiência de pensarmos a transdisciplinaridade com foco na literatura, em particular, na Poesia em diálogo com as várias compreensões de sustentabilidade foi consequência da responsabilidade que clamamos à comunidade acadêmica e não só, na busca pela qualidade educacional, transcendendo, pois, os moldes historicamente conservadores de organização social, sobretudo, os que se associam ao ritual escolar, de reprodução de uma sociedade tecnicista e produtiva nos moldes industriais repensando, assim, a escola como parte integrante da cidadania, na sua construção e dinamização sociais. Em síntese, pensar em qualidade exige olhar para além dos resultados de exames e de assimilação de conteúdos, tendo a ver com analisar criticamente como estes resultados implicam no cotidiano dos sujeitos que os produzem, e, sobretudo, considerando a realidade brasileira, refletir sobre os entraves que não permitem que tais resultados sejam alcançados. A longo prazo, o maior entrave que já se começa a notar é a falta de sustentabilidade humana e de consciência ambiental.

Pensar uma escola sustentável tem a ver com a articulação entre docentes, discentes e comunicação em interlocução, atuando em conjunto na construção de uma sociedade que responda ao meio ambiente, desenvolvendo projetos educacionais em nível acima do satisfatório, obtendo bons frutos no quesito ensino-aprendizagem, em direção a uma educação significativa, condizente com a conscientização ambiental eu-outro(s). Sobre esse aspecto, Gadotti sinaliza a importância da integralização não apenas de conteúdos e ideias, mas, sobretudo, de pessoas e de como nos devemos reconhecer:

(...) gostaria de falar da escola do século 21, como um lugar especial, um lugar de esperança e de luta. Já falamos muito mal da escola. Costumamos reclamar dos nossos professores como se eles

fossem os responsáveis por todos os males da humanidade. Mas é na escola que passamos os melhores anos de nossas vidas, quando crianças e jovens. A escola é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando tudo, nela existe o essencial: gente. Professores e alunos, funcionários, diretores. Todos tentando fazer o que lhes parece melhor. Nem sempre eles têm êxito, mas estão sempre tentando. Por isso, precisamos falar mais e melhor de nossas escolas, de nossa educação. (Gadotti, 2008: 92)

Observa-se que, assim como Freire (1996) substituiu acomodação por intervenção na realidade escolar, Gadotti (2008) mudou o olhar do pior para o melhor da escola e focou seu olhar em gente, professores, alunos, gestores escolares, funcionários, toda comunidade do entorno, o grupo de protagonistas da escola. Isso é poético. Isso tem a ver com redescobrir a natureza intrínseca de todos nós. A escola do século XXI é um estabelecimento de ensino construído e frequentado por pessoas suscetíveis a erros, mas com possibilidades reais de resgatarmos a urbanidade de nós mesmos, em espírito colaborativo e gestão democrática escolar com sucesso. O efeito naturalmente consequente e esperado desta mudança de foco será a escola como espaço de relações de aprendizagem, de sustentabilidade para além da consciência ambiental, num constante fazer poético.

Deste modo, a escola é um espaço de transformações sociais, cumprindo seu papel crítico, criativo e, sobretudo, reflexivo, oriundo da dinâmica das relações sociais que desenvolve, com períodos de conflitos e ou harmonia, inerentes das relações humanas. Sobreviver no século XXI, como instituição de ensino, tem a ver com a capacidade sustentável de gestão das diversas esferas que compõem o espaço da Educação, ou seja, uma sociedade de redes e de movimentos, com múltiplas oportunidades e autonomia de aprendizagem.

Nesse sentido, considera-se que o projeto pedagógico das escolas deva manter características transformadoras, com propostas pedagógicas cooperativas, que salientem a consciência coletiva escolar e os cuidados com o meio ambiente, além do envolvimento de todos os protagonistas do estabelecimento de ensino.

Embasado em estudos de Padilha (2007) acerca da qualidade socioambiental, bem como Padilha e Silva (2004) sobre qualidade sociocultural, Gadotti (2010) evidencia que construir ações educativas dentro destes contextos significa educar para o respeito à diversidade cultural, educar para o cuidado em relação aos outros e ao meio ambiente, rejeitando qualquer forma de opressão ou de dominação. Segundo Padilha (2007),

Se queremos uma educação para a vida, para a satisfação individual e coletiva, que nos ajude a ter um contato sensível e consciente com o belo e, ao mesmo tempo, que nos ensine a cuidar do planeta em que vivemos de forma sustentável, temos, então de falar não simplesmente de qualidade de educação, mas, como prefiro chamar, de qualidade sociocultural e socioambiental da educação. Trata-se, nesse caso, de trabalharmos na perspectiva eco-político-pedagógica, que nos remete à formação ampla e integral das pessoas, visando à recuperação da totalidade do conhecimento, dos saberes, dos sentimentos, da espiritualidade, da cultura dos povos e da história da humanidade em íntima conexão com todas as formas de vida no nosso ecossistema. (Padilha, 2007: 22).

Cabe realçar a perspectiva eco-político-pedagógica na educação proposta por Padilha (2007), remetendo-nos à formação ampla e integral de pessoas, dentro de espaços que cultivam a cidadania e a democracia, num movimento poético integral.

Por fim, a escola do século XXI, à luz da obra de Paulo Freire é uma Escola Cidadã, em que o papel de cada um dos protagonistas expressa o compromisso pela promoção da qualidade sociocultural e socioambiental da educação, neste campo propício ao ensino-aprendizagem. Isso relaciona-se à resignificação dos papéis de cada um dos atores envolvidos nos processos educacionais, para além dos ambientes escolares.

Neste sentido, diante dos novos desafios da sociedade contemporânea, cabe aos educadores o papel fundamental de instruir seus alunos a viver em harmonia com o meio ambiente, perante

a necessidade de um mundo melhor e sustentável. Afirma Paulo Freire: “Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, um conjunto de idéias a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada” (FREIRE, 2005: 53).

A poesia e a literatura mostram-se como base para se repensar um ensino transdisciplinar e uma educação libertadora, sustentável, integralizando saberes e pessoas em movimentos que façam sentido a todos.

Referências

- ANTUNES, Ângela & PADILHA, Paulo Roberto. Educação Cidadã, Educação Integral: fundamentos e práticas. São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2010.
- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [2000]. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/20876786/2059288489/name/Modernidade+Liquida+-+Zygmunt+Bauman.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1982]
- EGALON, Ivani. O homem que fugiu para a lua, numa carona pelo tempo I. São Paulo, editora Schoba, 2012.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 47ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo, Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª.edição. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 31ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido / Moacir Gadotti. 2. ed. São Paulo : Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação cidadã; 2)

- _____. Qualidade na educação: uma nova abordagem. Moacir Gadotti. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. (Instituto Paulo Freire ; 5 / Série Cadernos de Formação).
- GADOTTI, Moacir. Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008
- _____. Reinventando Paulo Freire na Escola do século 21 / Carlos Alberto Torres...[et al.]; apresentação Jason Mafra. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. (Série Unifreire). Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/2814/FPF_PTPF_12_050.pdf>. Acesso em 05.Dez.2017.
- HUGUENIN, José. Experimentos Poéticos. Belém: LiteraCidade, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Educação 360º*, disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/filosofo-frances-defende-educacao-global-para-enfrentar-desafios-do-seculo-xxi-21855486?utm_source+Twitter&utm_medium+Social&utm_campaign+compartilhar>, 2017.
- LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio. Tradução: Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Editions Gallimard, 1983.
- _____. Os tempos hipermodernos. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Barcarola, 2004.
- _____. A Felicidade Paradoxal. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2007.
- MORIN, Edgard. Os sete saberes para a educação do futuro, 2013
- Papa Francisco. Carta Encíclica Laudato Si' Sobre O Cuidado Da Casa Comum. São Paulo: Editora Paulinas, 2016 (5ª.reimpressão).
- SOUSA SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma economia de saberes. Disponível em <www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para_alem_do_pensamento_abissal_RCCS78>